

A ÚLTIMA DANÇA: UMA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA LER/DORT

Laís de Carvalho Lima¹

O termo LER é a abreviatura de Lesões por Esforços Repetitivos e consiste em uma entidade, diagnosticada como doença, na qual movimentos repetitivos, em alta frequência e em posição ergonômica incorreta, podem causar lesões de estruturas do Sistema tendíneo, muscular e ligamentar. É ela descrita em diversos outros países com outras denominações, CTD (Cumulative Trauma Disorders) – Repetitive Strain Injury (RSI) etc.: Em 1998 o INSS introduziu o termo DORT – Doenças

Osteoarticulares Relacionadas ao Trabalho equiparando-a à LER. (NOVAES, [20–], p.1 .grifo nosso).

Porque as pessoas dançam? Fiz-me tal questionamento ao arrolar ociosidade com alguns próximos amigos. Era turva e barulhenta noite naquele velho e carcomido berço de cultura, que chamamos Academia. Alguns costumes torpes, em meu humilde entendimento, fascinam a grande malha de prodigiosas mentes em época de juventude,

1. Advogada. Graduada em Direito pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, especialista em Direito Público e Tecnóloga em Gestão Pública pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. E-mail: lais@jusadv.com.br

perfurando o racionalismo enxuto, que eu, caro leitor, assumo abraçar.

Porque as pessoas dançam? Achegamos por entre a multidão, sob os berros de um intrépido mancebo, brincalhão da sorte, que vociferava números ao microfone. Assisti assoberbada os ricochetearem de corpos lascivos, vacilantes rodopiadores pelo som de extremo mau gosto. Observei cada atitude exagerada, cada levantar de vestes. Surpreendi a mim mesmo num sacolejar involuntário e tímido de pernas, e parei constrangido. Sorri dissimulado, aparentando um controle que eu perdera no vislumar.

Meus companheiros - uma velha amiga e seu acompanhante - enamoravam-se deliciosamente, podendo meus inquirismos, assim, elevarem-se calmos ao ambiente. Mordi de lábios, assumo meu paciente leitor! Considero-me irremediável conservador, mesmo sob as duras invectivas dos mais queridos eu não mudava. O que eu poderia fazer?

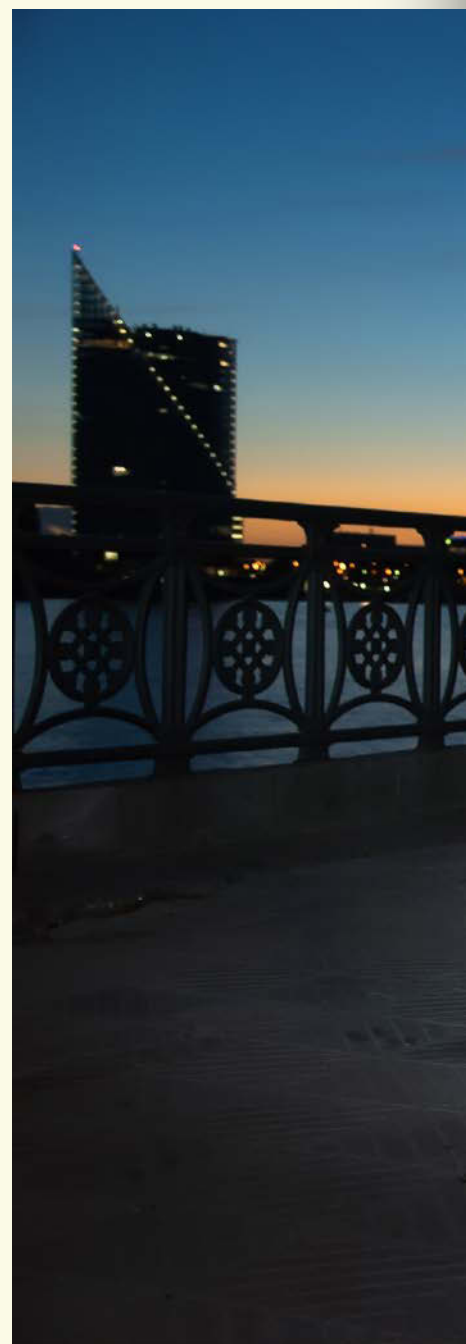
Aquele roçar de peito nos seios sinuosos, quase à mostra enervou-me. Os lábios macilentos tocavam vertiginosamente a outra boca, mas sendo os olhos meros escravos das polpas carnudas, sabendo eu que ele as queria tocar. Os braços mais fortes enrolavam-se no corpo fino, e os quadris de ambos giravam colados ao som frenético de algum estilo popular.

Descobri, pois, naquele momento porque as pessoas dançavam.

Os sábios estudiosos, analíticos de umas vozes científicas, diriam ser minha dúvida puro blasé. Para estes, certamente o desejo impetuoso pela dança poderia ser expli-

cado racionalmente. Eu não discordaria! Então pensa agora o leitor ser estas poucas linhas perca de valioso tempo, mas ouse pedir certo frio de ânimo. Envolto estavam meus pensamentos nestas vistas. Cogitei ser impulso corporificado das sinapses nervosas, relaxamento muscular involuntário, ou pura insanidade. Fitei a quadrilha aberta, num flamejar de braços, babados e cores gritantes, procurando algum sinal de resposta, até que, sob a modorra dos céuticos, percebera eu este outro olhar.

Uma molecota faceira, morena de cenho enfeitado de brilhos e purpurina, arfava sob um vestido espalhafatoso. Contive um riso desavergonhado, vendo-a esfregar seu colo no peito de um enorme dançarino. Desvendei, pois, ali minha pergunta. Porque as pessoas dançam? Pura satisfação! Existia um ardor momentâneo, embalado por determinada melodia, que elevava o espírito dos humanos. Uma tenra linha entre a sexualidade e a selvageria. Por quê? Veja leitor, quando estiver

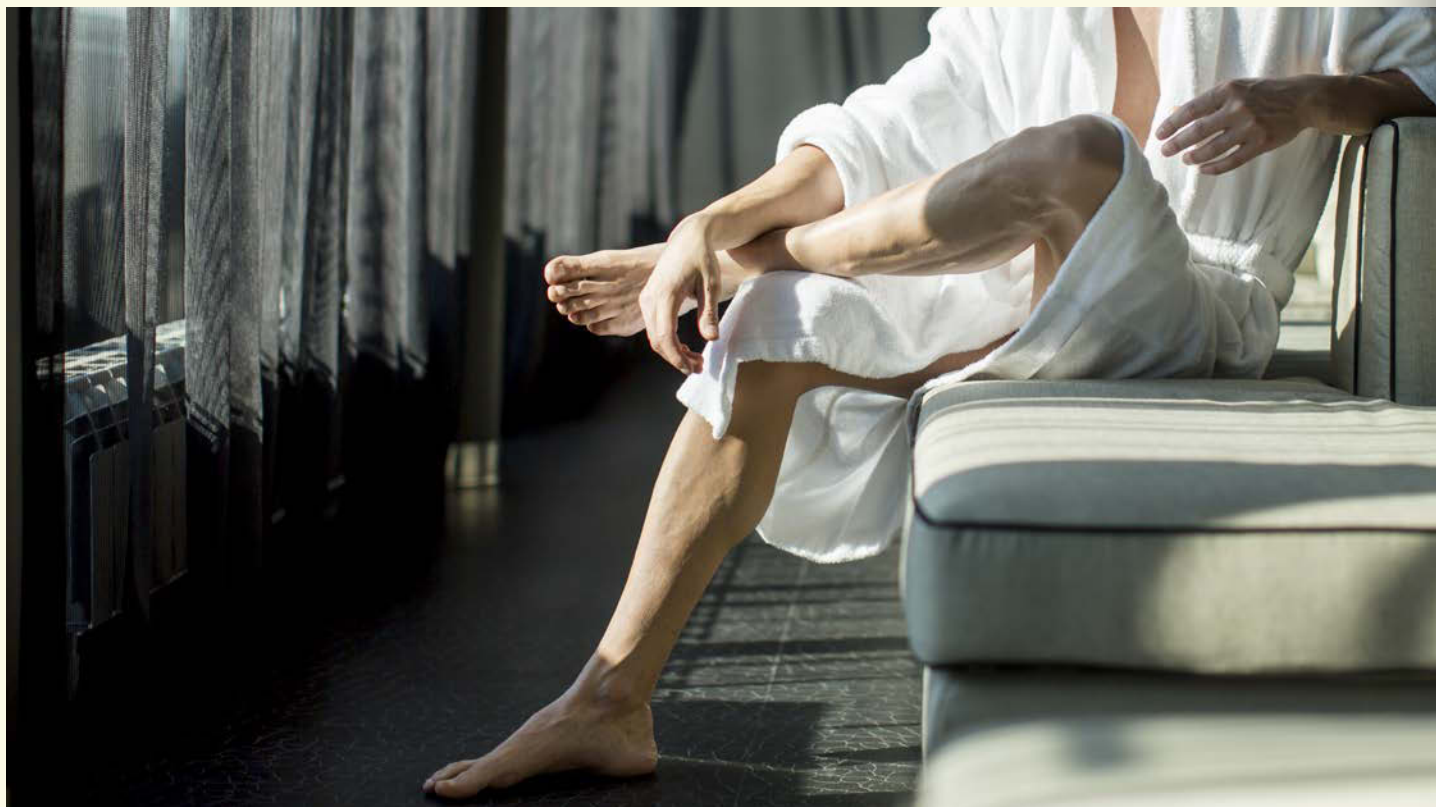




por entre as músicas de ritmo, em que as personalidades se transmutam num vão de escada, onde há imprevisibilidade do que se achar.

Contei, pois, mais de um terço de horas, sem que a moça interrompesse seus volteios.

Divisei que chorava. Mas como? Não seria a dança representação de alegria? Esta molemente permanecia chacoalhando o pequeno corpo, gritando uma ajuda inexplicável. Comprimia os seios duros pelas roupas apertadas, abraçando furiosamente a si mesma. Ela não conseguia parar. Admito, pensei ser



mera pilhéria, algum artifício circense para nos pregar uma peça. Os próprios colegas de labuta friccionavam as pernas e os braços da garota, mas ela continuava a dançar. Desligaram a música, o que fora pior, pois ouvia-se a grandes distâncias os urros de pavor da infeliz criatura. Frenética como o apertar de um parafuso naquele filme *Tempos Modernos*.

O que podia eu fazer? Permaneci onde estava com a mão ao queixo.

Afirmo que demorei muito tempo até que minhas reminiscências me traíssem. Quase esquecia os pequenos detalhes daquela noite, quando me sobreveio uma luz explanadora. A pobre desafortunada alcançara o êxtase proibido. Chegara a sugar da perfídia demoníaca dos velhos anciãos, quando seu corpo tomara vida própria. O cansaço é o limite do

corpo, pois este pedaço de carne chamado humano não poderia experimentar tal inebriante sensação: a voluptuosidade que dera a Lilith um lugar no inferno.

Fiquei sentado algum tempo a mais, não recordei quanto. Revia o explodir de juntas e o espalhar do sangue ao chão, os pés quebrados acompanhando a poeira, o choro, e o vômito. Tentei imaginar o que passara por frente aos olhos da menina: as sombras, as vozes, e no final, aquela noite.

Referências Bibliográficas

NOVAES, Antonio Carlos. **A diferença entre LER e DORT**. Disponível em: <<http://www.lerdort.com.br/>>. Acesso em: 01 set. 2016.